

## **CRUZ E SOUSA E MOVIMENTO SIMBOLISTA NO BRASIL — “UM LIVRO FONTE” (\*)**

Ribeiro Ramos

Em um de seus memoráveis discursos, onde sempre exaltava o Ceará e louvava a sua heróica gente, o eminente e saudoso Padre Valdivino Nogueira, que foi ilustrado titular desta Casa e um dos seus co-fundadores, inseriu uma frase lapidar que ficou na memória das gerações: “O cearense nasce por castigo, vive por milagre, cai como mártir e se levanta como herói”. Em dezesseis palavras apenas uma sentença cruel e profunda, colorosa e verdadeira. Efetivamente o cearense, ao castigo de nascer, sobrepõe o milagre de viver, já que a terra ingrata e tantas vezes hostil, dificilmente lhe dá o pão de cada dia. Vem a seca impiedosa e ele emigra, levando consigo a mulher e os filhos esqueléticos e, ao longo dos caminhos, sequioso e faminto, tropeça muitas vezes, tomba e cai, para se levantar outras tantas, certo de que das suas forças e do seu heroísmo interior dependem a sua e a sobrevivência da família, em terra distante e promissora, escolhida ao acaso.

Povo nômade o nosso, talvez por herança atávica, tem sido por isto mesmo comparado ao povo judeu, convindo lembrar, no entanto, que as nossas constantes diásporas se verificam com maior intensidade nos períodos das grandes secas que devastam o nosso chão, despovoando regiões inteiras.

Muito se tem escrito — sociólogos e cientistas, poetas e romancistas, pesquisadores e cronistas, estudiosos e pensadores — sobre o homem nordestino, especialmente o cearense, mostrando-o como forte e tenaz, diligente e empreendedor, destemido e lutador, que não se entibia diante da adversidade, e nem jamais perde a coragem diante de um fracasso. Cai e se levanta. Perde e recomeça. E vence. E apontam-se tais qualidades como características da fibra inquebrável do homem nordestino.

Vê-se isto no povo, na massa, no chamado povão. Mas eu gostaria de chamar a vossa valiosa atenção para fato importante merecedor de destaque: no meio desse povo há um grupo bem distinto, portador das mesmas características de espírito e da mesma tenacidade mas que se destaca pelos pendores elevados, onde todos estão voltados para a superiores conquistas espirituais — são os

intelectuais, os homens de Letras, aqueles que brilham e vencem nas lides do pensamento.

Sonham eles grandes sonhos, desde os mais verdes anos, sonhos que se ampliam e criam forma e se tornam mais puros, mais belos e perfeitos, a medida que o tempo corre, marcando, no imenso Calendário da Imaginação de cada um, as doces horas da juventude sempiterna e os belos dias da dulcíssima mocidade criadora. Assim chegam eles, ou, melhor, chegamos nós os intelectuais, ao cimo da montanha da vida, cañsados uns, desiludidos outros, paramos um pouco e olhamos para traz, e sentimos desolados que os sonhos se diluíram ou desfizeram-se ao longo do áspero caminho percorrido. E sentimos, então, perfeitamente, que os sonhos são como as miragens — jamais se realizam, jamais se configuram, jamais se corporificam. Ali, naquela parada obrigatória, somos muitos a recordar o estro sublimado do poeta maior em sua pequenina obra-prima, tão nossa conhecida.

## **CONTRASTE**

*“Quando partimos no verdor dos anos,  
Da vida pela estrada florescente,  
As esperanças vão conosco à frente,  
E vão ficando atrás os desenganos.*

*Rindo e cantando, céleres e ufanos,  
Vamos marchando descuidadosamente...  
Eis que chega a velhice de repente  
Desfazendo ilusões, matando enganos.*

*Então nós enchergamos claramente  
Como a existência é rápida e falaz,  
E vemos que sucede exatamente*

*O contrário dos tempos de rapaz  
— Os desenganos vão conosco à frente  
E as esperanças vão ficando atrás.*

O intelectual cearense, como ser humano, sofre as mesmas contingências da vida que atingem o homem do povo perdido no meio da massa anônima, mas este sofre apenas fisicamente — a fome e a

sede o torturam intensamente — enquanto aquele sofre terrivelmente os sonhos desfeitos, as ilusões perdidas, que lhe amarguram a alma. É o livro que desejou publicar e não conseguiu — e não apenas um, mas dois, cinco, dez e mais livros — é a obra mais cuidada, escrita com amor, polida e repolida, que jamais sairá à luz do dia. São as longas horas que sempre quis dedicadas às letras, ao estudo, à pesquisa e à Cultura, gastas na luta pelo pão-de-cada-dia, ouvindo a triste cantilena do convinião **Primus vivere...**

Peço-vos perdão, caros e doutos confrades meus, pelo desalinhavo destas frases, desejava apenas lamentar como bom cearense sonhador o fato de não terem sido publicados em 88 todos os livros anunciados no começo do ano, que deveriam enriquecer a bibliografia de autores já consagrados. A crise econômica que está aí, maior do que se esperava, cortou muitos planos, desfez muitas esperanças. Felizmente o ano não passou de todo “in albis”, pois aí está exposto: nas livrarias e nas bancas de jornais um bom número de excelentes livros em cujas lombadas se lêem nomes consagrados: Artur Eduardo Benevides, Cláudio Martins, Maria da Conceição Sousa, Oswaldo Riedel, Raimundo Girão, Joaryvar Macêdo, Eduardo Campos, F. S. Nascimento, Dimas Macedo, Osmundo Pontes, Moreira Campos, Geraldo Nobre, Caio Lóssio Botelho, Abelardo F. Montenegro e outros mais de igual porte. Benza-os Deus.

Gostaria de tecer algumas ligeiras considerações sobre o livro do último autor enumerado. Mestre Abelardo F. Montenegro, escritor de minha grande admiração, amigo de vera estima. O livro — **CRUZ E SOUSA E O MOVIMENTO SIMBOLISTA NO BRASIL** — acaba de sair em 2ª e caprichada edição pela Secretaria de Cultura e Esporte de Santa Catarina, Fundação Catarinense de Cultura, Governo Pedro Ivo Figueiredo de Campos, com excelente prefácio do próprio autor e esplêndida INTRODUÇÃO do escritor Nereu Correia, sob o título “Um Livro Fonte”. A 1ª edição deste magnífico ensaio saiu às expensas do Mestre, apenas 500 exemplares, pela Editora A. Batista Fontenele, nesta Capital, em 1954. A idéia do ensaio sobre o poeta Cruz e Sousa, negro, filho de pais escravos libertos, nascido na antiga Desterro, hoje cidade de Florianópolis, diz-nos Abelardo Montenegro, veio-lhe à mente, quando residiu em Santa Catarina, nos anos de 1939 a 1942, identificando-se com a terra e amando a gente catarinense. Ali colheu os dados sobre a vida e a obra de Cruz e Sousa, o “Cisne Negro”, o “Divino Mestre”, como era carinhosamente tratado pelos colegas e amigos de boemia, e mais tarde, ao se transferir para

Curitiba, Paraná, nos anos 1946/1947, aprofundou as suas pesquisas sobre o Movimento Simbolista do qual o poeta de **BROQUÉIS** é tido por muitos como a maior figura no país e fê-lo no Instituto Neo-Pitagórico, criado pelo notável Mestre Dario Persiano de Castro Velloso no já distante ano de 1909, pioneiro no Brasil.

Esse livro, como diz Irineu Correia, não é mais uma biografia de Cruz e Sousa, "é mais um ensaio", onde estão a vida e a obra do desventurado poeta negro, em toda a sua nitidez e plenitude com sopro de tragédia.

Nascido em casa do Marechal Guilherme Xavier de Sousa, Grão Senhor de Santa Catarina, que lhe alforriara livremente os pais, foi o pretinho adotado e criado como filho de branco, e bem cedo matriculado no **Ateneu Provincial**, onde estudou ao lado de colegas nobres e brancos e dos quais se distinguia pelo talento superior e pela inteligência incomum, despertando inveja de muitos outros alunos menos dotados. Morto o pai adotivo e protetor, viu-se o jovem João da Cruz e Sousa, quase menino ainda, diante da mais cruel realidade: filho de negro, pobre e sem família. Tudo mudou para ele, teve que arrostar o preconceito de cor, ele que tanto queria e lutava por ascender na hierarquia social. Doía-lhe muito a segregação social que lhe foi imposta por toda aquela ingrata gente. Restou-lhe uma saída: refugiar-se na Poesia. Buscou a companhia de poucos amigos que o admiravam, vestia-se bem, com elegância e freqüentava as rodas literárias. Fazia versos, dando vazão às grandes e profundas máguas que lhe roíam o coração: revolta, rancor, ódio. Tornaria Baudelaire o seu ídolo e faria de Schopenhauer o seu companheiro de todas as horas. Os jornais da Província divulgavam-lhe os versos de pura feição simbolista. Fez amigos e os influenciou. Em 1881, contratado como ponto de uma Companhia Dramática, percorreu várias capitais do país, indo por fim fixar-se no Rio de Janeiro. Desempregado, voltou à terra natal e publica com seu amigo Virgílio Várzea **TROPOS E FANTASIAS**, de nítida tendência simbolista e colabora nos jornais. Retorna, pouco tempo depois ao Rio de Janeiro, vai trabalhar na **Revista Ilustrada**, de Ângelo Agostini e faz-se colaborador do **Novidades**, também de tendência simbolista, dirigido por Oscar Lopes e B. Lopes, e também na **Cidade do Rio**, de José do Patrocínio, então no auge da fama, fazendo-se ardoroso abolicionista. Consegue modesto emprego na Estrada de Ferro e casa-se com Gavita, negra, filha de pais negros. Publica **BROQUÉIS** e **MISSAL**, inaugurando o Movimento Simbolista no Brasil. Conhece o crítico Nestor Vitor de quem se torna amigo,

devotado amigo que, após da morte do poeta guardou o seu patrimônio literário, publicando-lhe as **Obras Completas**. A vida jamais lhe sorriu, perseguido pela adversidade viveu sempre em franciscana pobreza. Teve amigos dedicados e críticos acerbos. Casado, contraiu a tuberculose, contaminando a mulher e os filhos, impiedosamente ceifados, um a um, depois de sua morte, como exceção do último, póstumo, que sobreviveria por poucos anos vindo a falecer antes dos dezoito anos, levado pelo mesmo terrível mal.

Dou de bom grado, a palavra ao Mestre Abelardo Montenegro para a dramática narrativa do ato final da vida do nosso “dante Negro”: ... “A 25 de março de 1898, na Estação do Sítio, morria Cruz e Sousa. O seu corpo chegava ao Rio “em certa manhã... todo coberto do mesmo pó da Estrada que sempre o afligia e asfixiava”. Receberam-no Carlos Dias Fernandes, Tibúrbio de Freitas, Nestor Vitor e Maurício Jubim, todos elementos do **Antro**. Ali estava o cadáver do “Divino Mestre”. Todos, porém, viam “a forte e inapagável luz”. Carlos Fernandes, então, compôs o soneto — “Ante o Cadáver de Cruz e Sousa”. — Encontravam-se os amigos e discípulos sem dinheiro para o enterro. O cadáver já viera num vagão de transportar muares para os açougues da cidade. O enterro, pelo menos, devia ser feito com decência. José do Patrocínio, porém, salvava a situação adquirindo uma tumba condigna para o infeliz bardo, “mandando-lhe, também, em sinal de saudade, uma grande lira branca”.

“**CRUZ E SOUSA E O MOVIMENTO SIMBOLISTA NO BRASIL**” é um grande e belo livro que honra e dignifica a Literatura Brasileira e particularmente a cearense, como obra perfeita de interpretação da Arte Poética do notável e desventurado poeta negro e conhecimento maior da sua atormentada vida, estigmatizada pela cor. Diz Abelardo Montenegro nessa magnífica interpretação e nesse profundo conhecer — um esplêndido retrato de corpo inteiro do maior poeta simbolista do Brasil: “Nem sempre foi Cruz e Sousa um autor difícil e ininteligível. Há páginas que todos entendem. O seu verso constitui, sempre, “verdadeiro transunto, dos mais complexos estados d’alma”. “Basta dividir em três partes principais a sua existência, correspondendo cada uma delas a um dos seus livros de versos”, na afirmativa de João Pinto da Silva. E enumera —: “Primeira fase: **broquéis**. Indiferença real ou aparente, diante dos grandes problemas de filosofia. Não o seduzem as amarguradas concepções da vida futura, do **além**. O que predomina é a ambição do artista o culto da arte pela arte. Segunda fase: **Faróis**. Data deste livro a sua psicalgia.

Começam a dúvida e um ansioso desejo de saber o que há no **au-delá**. Terceira fase: Últimos Sonetos. É o fecho de uma grande crise moral. Tranquilidade mística. Atenua a sua visão do mundo a certeza da recompensa, póstuma, prêmio sobrenatural dos bons”.

E por fim a conclusão soberba a que chegou o Mestre cearense, nos capítulos finais de seu ensaio: “**Em Últimos Sonetos**”, ouve-se, apenas, o soluço do poeta negro que chora por não ter concretizado na terra as suas aspirações sociais e artísticas. A sua cólera, o seu ódio atingem o clímax. Não tem limites a sagrada revolta contra **o mundo de peste-monturo de fezes putrefacto**. Cruz e Sousa transcendentalizava-se paulatinamente, início desse despreendimento da matéria, dessa transfiguração magnificientista que atinge em **Últimos Sonetos** o ápice. O mundo que o sepultou e emparedou em vida não interessa mais. E ele já desferira vôo para outras regiões, ia cortando tudo o que o ligava ao mundo terreno”.

Sente-se tudo isto perfeitamente em **Um Ser**, escrito às vésperas de sua morte:

*“Um ser nas placidez da Lus havita,  
Entre os mistérios inefáveis mora.  
Sente florir nas lágrimas que chora  
A alma serena, celestial, bendita.*

*Um ser pertence à música infinita  
Das Esferas, pertence à luz sonora  
Na Natureza virginal palpita.  
Das estrelas do Azul e hora por hora*

*Um ser desdenha das fatais poeiras,  
Das misérias ouropéis mundanas  
E de todas as frívolas cegueiras*

*Ele passa, atravessa entre os humanos,  
Como a vida das vidas forasteiras,  
Fecundadas nos próprios desenganos.”*

É o último canto. O cisne negro morre. Com a publicação dessa 2ª edição de **Cruz e Sousa e o Movimento Simbolista no Brasil**, acrescida de novos subsídios sobre a vida atormentada e o mundo tormentoso, e a obra do grande poeta negro, tirando-o de injusto

esquecimento, acrescentou Mestre Abelardo F. Montenegro mais um esplêndido triundo à sua brilhante carreira de homem de Letras, já consagrada por muitas e significativas vitórias.

Assim penso eu.

Antes de concluir gostaria de pedir a vossa atenção para o seguinte: transcrevi o soneto “UM SER”, linhas atrás, tal como está às páginas 165/166 do valioso livro que venho comentando, mas no livro “Poesias Completas de Cruz e Sousa, da Série **CLÁSSICOS BRASILEIROS**, das “edições OURO” vem a seguinte versão (págs. 188/189):

## UM SER

*Um ser na placidez da Luz habita,  
Entre os mistérios inefáveis mora.  
Sente florir nas lágrimas que chora,  
A alma, serena, celestial, bendita.*

*Um ser pertence à música infinita  
Das Esferas, pertence à luz sonora  
Das estrelas do Azul e hora por hora  
Na Natureza virginal palpita.*

*Um ser desdenha das fatais poeiras,  
Dos miseráveis ouropéis mundanos  
E de todas as frívolas cegueiras...*

*Ele passa, atravessa entre os humanos,  
Como a vida das vidas forasteiras,  
Fecundada nos próprios desenganos.*

Vede bem, há visível diferença entre as duas versões — uma incrível troca de versos entre o segundo quarteto e o primeiro terceto, e uma inconcebível substituição de palavras, tudo isso quebrando a beleza e harmonia do poema. Por culpa única da revisão que falho lastimavelmente lá, na bela e culta Florianópolis, tal como acontece em nossa amada Fortaleza de Nossa Senhora d’Assunção.

---

(\*) Palestra pronunciada em sessão a 10 de março de 1989.